

Knut Heim, Provérbios, Aula 6, Sabedoria Personificada, Parte 1

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número seis, Metáforas e Sabedoria Personificada, primeira parte. Bem-vindo à sexta aula sobre o livro bíblico de Provérbios.

Nesta palestra e na palestra seguinte, a sétima, examinarei em cada uma delas dois aspectos do livro bíblico de Provérbios, todos relacionados com a personificação da sabedoria nos capítulos um a nove. Então, a Senhora Sabedoria age como se, bem, a virtude intelectual cognitiva da sabedoria se comportasse nas páginas deste livro como se fosse uma mulher, um ser humano, um ser humano feminino. Mas, para explorar isto mais completamente, começarei também, em primeiro lugar, com uma exploração mais profunda da moderna teoria da metáfora que nos ajudará então a compreender a metáfora da personificação no que diz respeito à sabedoria.

E faremos isso em duas partes, Teoria da Metáfora um e sabedoria personificada um na aula seis, e depois teoria da metáfora dois e sabedoria personificada dois na aula sete. Há uma revolução em curso, uma revolução na nossa compreensão do que é ser um ser humano. O que está em jogo é nada menos que a natureza da mente humana.

Então, as palavras de George Lakoff, um ator-chave nos estudos de metáforas. Resumindo o pensamento ocidental sobre o pensamento até ao último quartel do século XX, Lakoff continua, e passo a citar: Durante séculos, nós, no Ocidente, considerámo-nos animais racionais cujas capacidades mentais transcendem a nossa natureza corporal. Nesta visão tradicional, as nossas mentes são abstratas, lógicas, racionais sem emoção, conscientemente acessíveis e, acima de tudo, capazes de se ajustarem e representarem diretamente o mundo.

A linguagem tem um lugar especial nesta visão do que é um ser humano. É um sistema de símbolos lógico e privilegiado interno às nossas mentes que expressa de forma transparente conceitos abstratos que são definidos em termos do próprio mundo externo. Fim da citação.

No entanto, nas últimas décadas, cientistas cognitivos analíticos e cientistas da computação compilaram evidências empíricas que demonstram que a mente e o corpo estão inextricavelmente ligados. Cito novamente Lakoff. O pensamento é realizado no cérebro pelas mesmas estruturas neurais que governam a visão, a ação e a emoção.

A linguagem torna-se significativa através do sistema sensório-motor e emocional que define objetivos e imagina, reconhece e executa ações. Agora, no início do século 21, a evidência está presente, o jogo acabou e a mente está incorporada. Fim da citação.

O parágrafo seguinte resume o resultado desta mudança de paradigma na nossa compreensão da compreensão. A revolução da incorporação mostrou que a nossa humanidade essencial, a nossa capacidade de pensar e usar a linguagem, é inteiramente um produto dos nossos corpos físicos e cérebros. A forma como a nossa mente funciona, desde a natureza dos nossos pensamentos até à forma como compreendemos o significado e a linguagem, está inextricavelmente ligada aos nossos corpos.

Como percebemos, sentimos e agimos no mundo. Não somos máquinas pensantes de sangue frio. Nossa fisiologia fornece os conceitos para nossa filosofia.

Na minha opinião, estes desenvolvimentos epistemológicos explicam que a linguagem figurativa, especialmente metáforas, símiles, metonímias e sinédoques, são os blocos de construção essenciais para o pensamento e a comunicação humanos. A linguagem figurativa nos fornece os meios para verbalizar mentalmente como nossos corpos, através de nossos cérebros, processam o que nossos sentidos percebem no mundo ao nosso redor e dentro de nós. O resultado desta revolução da incorporação para a vida humana prática é, nos termos de Lakoff, relevante para todas as áreas e aspectos da vida.

Cito novamente: Cada pensamento que temos ou podemos ter, cada meta que estabelecemos, cada decisão ou julgamento que tomamos e cada ideia que comunicamos fazem uso do mesmo sistema incorporado que usamos para perceber, agir e sentir. Nada disso é abstrato de forma alguma. Não sistemas morais.

Não ideologias políticas. Não matemática ou teorias científicas. E não a linguagem.

E não teologia, quero acrescentar. Lakoff diz tudo isso no prefácio de um livro de um de seus próprios alunos, Benjamin Bergen, intitulado *Louder Than Words, The New Science of How the Mind Makes Meaning*, de 2012. Nesse volume, Bergen reconhece explicitamente sua dívida para com o trabalho de Lakoff, e o tom algo triunfante do prefácio de Lakoff sugere pelo menos alguma consciência da sua própria contribuição para a revolução epistemológica.

Deixe-me apresentar um breve resumo da história do nosso pensamento sobre a metáfora nos últimos 35 anos ou mais. A primeira edição do *Cambridge Handbook of Metaphor*, intitulada *Metaphor and Thought*, e editada por Andrew Ortony, apareceu em 1979, um ano antes da monografia inovadora sobre a teoria da metáfora escrita por Lakoff e seu colega Johnson. Mesmo na segunda edição do

Cambridge Handbook, 14 anos depois, em 1993, houve apenas uma referência passageira à monografia inovadora de Lakoff e Johnson, *Metaphors We Live By*.

Embora esse volume pelo menos tivesse realmente uma contribuição de Lakoff, que agora começava a ser reconhecido como um player na área. Somente em 2008, quando apareceu a terceira edição do Cambridge Handbook, agora editado por Raymond Gibbs, é que o impacto total do trabalho de Lakoff e Johnson pôde ser sentido em quase todas as páginas e nas mãos de todos os colaboradores do volume. . O trabalho de Lakoff e Johnson foi agora reconhecido pelo que era.

Seu volume, *Metaphors We Live By* desde então, acompanhado por uma monografia de acompanhamento intitulada *More Than Cool Reason* de 1989, da qual Lakoff foi coautor com Max Turner, agora definia o estado da arte dos estudos de metáforas. Tendo lido a maioria das contribuições importantes para a teoria da metáfora desde Aristóteles até 1980, concordo com o seguinte resumo de *A Glossary of Literary Terms* de Mike Abrams de 1999. É um lembrete salutar de que embora a maioria dos humanos sejam usuários competentes da língua nativa e regularmente e empregam metáforas com competência na vida diária, nossos filósofos e nossos intérpretes e estudiosos da literatura, incluindo a Bíblia, até recentemente entendiam muito pouco sobre metáforas.

Uma citação de Abrams. Após 25 séculos de atenção à metáfora por parte de retóricos, gramáticos e críticos literários, aos quais durante o último meio século se juntaram muitos filósofos, não há um acordo geral sobre a forma como identificamos as metáforas, como somos capazes de compreendê-las. , e o que eles servem para nos dizer, se é que servem para alguma coisa. Fim da citação.

Esta avaliação da história do envolvimento intelectual com o fenómeno da metáfora é apropriada e instrutiva. O veredicto de Abrams é ainda mais preocupante tendo em conta o facto de que a questão de como identificamos, compreendemos e aplicamos metáforas foi o verdadeiro foco de investigação nos estudos de metáforas dos primeiros três quartos do século XX. Aqui está o resumo de Lakoff e Johnson dos principais princípios dos estudos de metáforas antes de 1980.

Primeiro, a metáfora é uma questão de palavras, não de pensamento. A metáfora ocorre quando uma palavra é aplicada não ao que normalmente designa, mas a outra coisa. Em segundo lugar, a linguagem metafórica não faz parte da linguagem convencional comum.

Em vez disso, é novo e normalmente surge na poesia, nas tentativas retóricas de persuasão e na descoberta científica. Terceiro, a linguagem metafórica é desviante. Nas metáforas, as palavras não são usadas em seu sentido adequado.

Quarto, as expressões metafóricas convencionais na linguagem cotidiana comum são as chamadas metáforas mortas. Isto é, expressões que antes eram metafóricas, mas que agora foram congeladas em expressões literais. Quinto, as metáforas expressam semelhanças.

Ou seja, existem semelhanças pré-existentes entre o que as palavras normalmente designam e o que designam quando são usadas metaforicamente. Agora lembre-se, estes cinco pontos são realmente parte das ideias mais antigas de metáfora, e não o que descobrimos nos últimos 35 anos desde o trabalho de Lakoff e Johnson. Entre muitos outros insights importantes que não tenho tempo de abordar aqui nesta palestra, quero destacar os três erros a seguir na teoria tradicional da metáfora e nas interpretações da metáfora.

Primeiro, o foco exclusivo nas chamadas metáforas novas ou ousadas foi equivocado. Em segundo lugar, e inversamente, as chamadas metáforas mortas estão muito vivas e constituem, de facto, a espinha dorsal do pensamento e da comunicação humanos. Assim, o que foi rejeitado nas teorias mais antigas, na nova compreensão da teoria das metáforas, é provavelmente a coisa mais importante sobre as metáforas.

Em terceiro lugar, o tratamento habitual das metáforas como sendo de alguma forma compostas de teor e veículo, segundo Richards, sujeito primário e sujeito secundário ou subsidiário, negro, ocasional e imagem, Paul Avis, prioriza o significado reconstruído de uma metáfora sobre a própria expressão metafórica. E acredito que isso é um erro. Passo agora ao trabalho de Lakoff e Johnson e ao seu impacto especificamente.

Qual é então a contribuição do trabalho de Lakoff, Johnson e Turner para a moderna teoria da metáfora? O que há de tão especial no trabalho deles? Desde a publicação do seu livro seminal, *Metaphors We Live By*, em 1980, George Lakoff e Mark Johnson exerceram uma profunda influência no desenvolvimento da teoria da metáfora. Em seu livro, eles fazem a seguinte afirmação problemática, que não é diferente de muitas outras descrições de metáfora. E cito, é apenas uma linha.

A essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa... Desculpe, estou começando de novo. A essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outro. É isso.

Isto pode parecer despretensioso e não controverso à primeira vista, mas a forma como desenvolvem isto tem consequências enormes para a teoria da metáfora. Existem dois reinos de significado. Um deles está mais próximo da nossa experiência, enquanto o outro é o que exploramos com a ajuda de uma expressão metafórica.

E assim, esta declaração inaugurou um foco acadêmico crescente nos aspectos cognitivos da metáfora. Outra característica desta definição que quero destacar é a

ênfase na compreensão e na experiência. Esta definição enfatiza que as metáforas são mais do que ornamentais, mas contribuem para a compreensão.

E fazem isso ajudando-nos não apenas a refletir sobre o que está sendo dito, mas também a experimentá-lo. Há um aspecto cognitivo multissensorial na metáfora. Outra importante visão recente diz respeito à relação entre metáforas convencionais e as chamadas metáforas novas.

Baseando-se nos resultados de mais do que uma razão fria, Lakoff e Turner concluem que a maioria, se não todas, as metáforas são conceituais, na medida em que pertencem a um sistema complexo e altamente estruturado de metáforas convencionais. E novas metáforas surgem naturalmente deste sistema. Cito: O principal ponto a retirar desta discussão é que a metáfora reside, na maior parte, neste enorme sistema fixo, altamente estruturado.

Um sistema está tudo menos morto. Por ser convencional, é usado constante e automaticamente, sem esforço nem consciência. A nova metáfora utiliza esse sistema e se baseia nele, mas raramente ocorre independentemente dele.

É muito interessante que este sistema de metáfora pareça dar origem ao raciocínio abstrato, que parece basear-se no raciocínio espacial. Fim da citação. A terceira edição de *Metaphor and Thought* foi publicada em 2008, agora intitulada *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*, e sinalizou uma imensa mudança de paradigma nos estudos de metáforas.

Exploraremos isso na lição número sete porque acho que já compartilhei com você detalhes teóricos suficientes sobre a teoria das metáforas. E o que quero fazer no restante desta palestra, sexta, é examinar a personificação da sabedoria no Livro de Provérbios. Então agora, na segunda parte da sexta aula, veremos a personificação da sabedoria no Livro de Provérbios.

E até certo ponto, também examinaremos, pelo menos abordaremos a questão de que tipo de papel a personificação da sabedoria pode ou não ter desempenhado na identificação de Jesus de Nazaré como o Messias, e também até mais do que o Messias, como o Filho de Deus no Novo Testamento. Não discutiremos isso completamente, porque esta é uma série de palestras sobre o Livro de Provérbios, e não sobre o Novo Testamento. Mas pelo menos precisamos de extrair algumas das questões hermenêuticas, filosóficas e teológicas fundamentais subjacentes que estão relacionadas com isto.

Então, como é que a personificação da sabedoria, esta metáfora da sabedoria como ser humano, influencia a leitura do Livro dos Provérbios? Nos próximos minutos, resumirei a compreensão de Bruce Waltke sobre a sabedoria personificada no Livro de Provérbios. Suas análises dos textos individuais são, até certo ponto, integradas

posteriormente ao meu tratamento dos textos específicos de Provérbios, à medida que mencionam a sabedoria personificada. A suposição fundamental no tratamento de Bruce Waltke em seu excelente comentário sobre o Livro de Provérbios é que, cito, a sabedoria personificada no prólogo, isto é, os capítulos 1.8 a 8.36, são os Provérbios de Salomão, ou seja, Provérbios 10 a 29, aos quais os ditos inspirados de Agur e Lemuel foram anexados, citação final.

Em detalhes, Waltke diferenciou sua personalidade ou disfarce e a realidade por trás deles. Fora das passagens principais de Provérbios 1.20 a 33 e Provérbios 8.1 a 36, a sabedoria feminina é personificada como uma guia em 6.22, uma irmã ou noiva amada em 7.4 e uma anfitriã em 9.1 a 6. Waltke interpretou 1.20 a 33 à luz de 8,1 a 36 porque somente nessas duas passagens a sabedoria pronuncia longos discursos nos portões da cidade empregando linguagem semelhante, cito Waltke. Se essa possível equação for aceita, ela é representada como gerada por Deus no tempo primordial e tão distinta dele e não eterna, citação final.

No entanto, parece haver uma ligeira tensão no argumento de Waltke. Ele rejeitou outras identificações de sabedoria como vários tipos de mulheres porque, entre aspas, nenhuma delas faz justiça ao seu ensino profético e aos seus papéis divinos, citação final. Waltke enumerou a maioria das muitas e variadas identificações de sabedoria personificada que foram feitas em estudos recentes e concluiu que, entre aspas, o sábio representa a sabedoria como uma mulher única que veste o manto de um profeta, carrega os pergaminhos dos homens sábios e usa um diadema semelhante a uma deusa, citação final.

E citou com aprovação o comentário de Michael Fox, que por sua vez acompanhou o trabalho de Claudia Camp. Cito novamente, a Senhora Sabedoria pode reunir uma variedade de fenômenos dos domínios mundano e literário sem ela mesma representar qualquer realidade conhecida, citação final. As três características principais da sabedoria na compreensão de Waltke são primeiro profética, segundo sapiencial e terceiro divino.

A citação estendida a seguir resume a visão de Waltke sobre a apresentação complexa da persona da sabedoria personificada em Provérbios 1 a 9. Cito: Os componentes proféticos, sapientes e divinos de sua caracterização se interpenetram de tal maneira que ela emerge como uma personalidade única cujo único par é Jesus Cristo. Sua identificação como um ser celestial encarnado que, em humilhação, aceita a rejeição das massas para oferecer-lhes a vida eterna funciona dentro do cânone como um prenúncio daquele que é maior que Salomão. Ela prega e implora com a paixão de um profeta, pensa e circula com intelectuais e exerce a autoridade de Deus.

Ela não é uma profetisa comum como Miriam ou o sábio Ethan, o Escatita . A Mulher Sabedoria é uma medianeira celestial única que media a sabedoria de Deus para a

humanidade. Embora mais intimamente relacionada com Deus do que com os seres humanos, ela convive com as massas na agitação dos portões da cidade, numa incrível demonstração de graça que convida os jovens indiferentes a arrependem-se da sua repreensão antes que a morte eterna os sobrevenha.

Fim da citação. Agora vou criticar muito do que Bruce Waltke está fazendo aqui, mas quero dizer que, embora tenha ênfases bastante diferentes em uma série de interpretações, quero dizer que estou reclamando do trabalho de Waltke em alto nível. nível de satisfação. Há muita verdade e muita sabedoria em seus escritos.

Acho que os comentários de Waltke, juntamente com os comentários de Michael Fox, são os melhores comentários que temos e tivemos em cem anos sobre o Livro de Provérbios. Portanto, não estou dizendo que tudo o que Waltke está dizendo esteja errado, mas o que estou tentando fazer é usar a teoria da metáfora, como começamos a fazer anteriormente na palestra, para aprimorar uma compreensão ainda mais profunda da personificação da sabedoria. Uma inspeção mais detalhada revela então, acredito, três rachaduras na pintura de Waltke da sabedoria personificada como uma medianeira celestial única.

Por um lado, ele aprovou parcialmente a ideia de Norman Whybray de que a sabedoria é uma hipóstase do atributo de Deus. Pois, de fato, a sabedoria é gerada em seu próprio ser, diz ele. Embora a sabedoria seja de facto gerada por Deus, de acordo com Aids 22, como exploraremos mais tarde, não consigo encontrar qualquer indicação no Livro dos Provérbios de que a sua origem tenha vindo do próprio ser de Deus, como Waltke diria.

Outra falha é visível na afirmação de Waltke de que uma citação, exegese holística do prólogo, isto é, Provérbios 1.8-8.36, mostra que a sabedoria em todas as suas várias formas, especialmente como uma medianeira celestial, personificava a sabedoria inspirada de Salomão, citação final. A hipótese básica de Waltke de que a sabedoria feminina personifica o ensinamento contido no Livro dos Provérbios é convincente. Contudo, a ideia de que a sabedoria personificada é uma mediadora celestial parece estar em tensão direta com o facto, corretamente enfatizado por Waltke, de que o que ela medeia consiste nos ensinamentos terrenos contidos no Livro dos Provérbios.

Na construção que Waltke faz de sua identidade, ela é ao mesmo tempo a mediadora e o material mediado. A terceira falha na representação da sabedoria personificada feita por Waltke aparece como parte de sua discussão sobre a teologia do Livro de Provérbios, que inclui uma discussão significativa sobre a cristologia. Sua apresentação se divide em duas partes.

A relação da sabedoria feminina com Jesus Cristo e a superioridade de Jesus Cristo sobre a sabedoria feminina. Ele quer ter as duas coisas. Numa breve pesquisa sobre

como os cristãos e teólogos entendiam a relação entre a sabedoria e Jesus Cristo, Waltke destacou que desde Justino Mártir, 125 d.C., a maioria dos cristãos identificou Sophia, a tradução grega da palavra hebraica para sabedoria, com Jesus Cristo.

Uma exceção notável mencionada sem documentação foi aparentemente Irineu, que equiparou a sabedoria ao Espírito Santo. Um pensamento muito interessante. A base para esta equação entre sabedoria e Cristo foi a sobreposição entre as duas figuras em duas características cruciais.

Ambos foram descritos nos textos bíblicos como pré-existência e como agentes da criação. Os textos mencionados como relevantes por Waltke são Provérbios 3, 19-20, capítulo 8, versículos 22-31, João 1, versículo 3, 1 Coríntios 8, versículo 6, Colossenses 1, versículos 15-16, Hebreus 1, versículo 3. Waltke afirmou, no entanto, que uma exegese histórico-gramatical de Provérbios 8 não apoia a exegese patrística. Em vez disso, ele expandiu sua tese anterior sobre a equação entre a sabedoria personificada e o conteúdo do livro de Provérbios.

Cito Waltke, Salomão identificou a sabedoria feminina com seus ensinamentos, não com uma hipóstase, isto é, um ser celestial concreto que representa ou representa Deus e é independente dele. Além disso, continuou Waltke, as versões antigas de Provérbios 8, 22-31 e a literatura sapiencial judaica não fornecem nenhum fundamento consistente, se houver, para a elevada cristologia do Novo Testamento. Ele revisou brevemente a Septuaginta, Menzirah, Philo, Sabedoria de Salomão e o Targum de Jerusalém.

Vale a pena repetir sua observação a respeito do material da Sabedoria de Salomão. Esse monoteísta anônimo, desculpe, esse monoteísta anônimo representa a sabedoria como um poder demiúrgico, para usar o termo de Orígenes, que faz a mediação entre o criador e a criação, final daspas. Waltke não negou a previsibilidade da elevada cristologia do Novo Testamento, mas negou que esta elevada cristologia possa ser validada pela caracterização da sabedoria personificada em Provérbios 8. Cito novamente, os escritos judaicos na virada da era cristã podem ter fornecido a apóstolos com veículo para expressar a doutrina da Trindade, sendo Jesus Cristo representado como o agente através do qual todas as coisas foram criadas, mas não citam nem constroem sua elevada cristologia em Provérbios 8.22-31, citação final.

Vale a pena descompactar este parágrafo, tanto pelo que afirma como pelo que nega. Primeiro, Waltke afirma que os escritos judaicos que elaboraram a sabedoria personificada em Provérbios 8.22-31 influenciaram a forma como os escritores do Novo Testamento retrataram Jesus de Nazaré. Segundo, Waltke nega que os escritores do Novo Testamento tenham citado Provérbios 8.22-31. Terceiro, Waltke nega que os escritores do Novo Testamento tenham sido influenciados por

Provérbios 8.22-31 quando desenvolveram a sua elevada cristologia de Jesus de Nazaré.

Concordo com o que Waltke afirma, na primeira afirmação. A primeira negação de Waltke é igualmente incontroversa. Os escritores do Novo Testamento de fato não citaram Provérbios 8.22-31. Contudo, discordo da afirmação de Waltke de que Provérbios 8.22-31 não influenciou a visão dos escritores do Novo Testamento sobre Jesus de Nazaré.

Passamos agora para a segunda parte da sexta aula, que é a personificação da sabedoria. E teremos uma primeira visão de alguns textos do livro de Provérbios sobre a sabedoria personificada. A sabedoria aparece como uma figura feminina totalmente personificada no capítulo um, versículos 20-33, no capítulo oito, versículos 1-36, e no capítulo nove, versículos 1-6 e 11-12.

E então também, ou sabedoria também, aparece como uma personificação menos desenvolvida, ou talvez possamos chamá-la de animação, no capítulo dois, versículos 1-3, no capítulo três, versículos 13-20, no capítulo cinco, versículos 5-9, versículos 11 e 13, e no capítulo sete, versículos 4-5. Começo agora com uma espécie de interpretação metaforicamente sensível da personificação no capítulo um, versículos 20-33. Aqui, a sabedoria é personificada como uma mulher com atitude.

Ela dá um sermão aos simples sobre o fracasso em responder ao seu convite para aprender. Um convite que aparentemente ocorreu numa fase anterior e que agora se presume. Os versículos 20-21 apresentam seu apelo.

Ela grita, levanta a voz e fala. Os versículos 22-33 compreendem sua reprovação real. Aqui, a sabedoria não fala apenas como uma mulher desprezada, mas refere-se a si mesma em termos de ser humano feminino.

Ela tem um espírito, versículo 23, traduziu pensamentos na NRSV. Ela foi desprezada, embora tenha estendido a mão, versículo 24. Ela fala de sua intenção de rir, versículo 26, e se recusa a responder àqueles que antes a desprezavam quando eles têm que sofrer as consequências de sua negligência para com ela, versículo 28.

A personificação permanece no nível literário, como demonstram os versículos 29-30. A sabedoria compara seu conselho e reprovação com conhecimento e temor do Senhor. A personificação nesta passagem permanece no nível literário.

Personifica a sabedoria do sábio como mulher. A personificação, entretanto, não é simplesmente um embelezamento. Em vez disso, tem um impacto emocional poderoso, na medida em que retrata habilmente quão importante e urgente é a aquisição de sabedoria.

No entanto, nada sugere que a sabedoria seja outra coisa que simplesmente humana, quase demasiado humana. A sua exasperação, contudo, não indica fraqueza de carácter, mas serve para realçar o perigo de recusar a sabedoria, bem como a sua vulnerabilidade, nascida de um profundo desejo de que os humanos aprendam. A sabedoria aqui não é divina, embora ela esteja associada ao Senhor por meio da expressão e do temor do Senhor, e por meio de sua maneira de falar, que se assemelha à de muitos profetas do Antigo Testamento.

Qual é, então, o impacto desta personificação? Michael Fox, em seu comentário, fez um resumo útil. Cito o primeiro discurso da Senhora Sabedoria que trata das atitudes das pessoas e não das ações. O foco aqui é a pessoa interior.

Em todos os seus discursos, em vez de explicar quais ações são boas ou más, a sabedoria exige uma postura básica em relação à própria sabedoria, ou à própria sabedoria. Uma abertura amorosa à mensagem da sabedoria, seja ela doce ou dura, juntamente com o pavor das consequências de rejeitá-la. Essa atitude é um requisito para o aprendizado.

Motiva esforços e possibilita a absorção das lições. Sem isso, mesmo a aprendizagem superficial é improvável e o conhecimento não pode ser traduzido em acção. Outros interlúdios enfatizarão a postura correta.

Este procura nos afastar do errado. A última frase desta citação destaca a intenção retórica por trás das palavras desdenhosas da sabedoria personificada. A sabedoria do Livro de Provérbios é importante para a vida.

E o poeta que escreveu este belo e urgente apelo faz com que a sabedoria ganhe literalmente vida para motivar os leitores a aprender com paixão e a dedicar-se ao empreendimento intelectual e religioso. Passamos agora para Provérbios 2, versículos 1 a 3. Todo o capítulo, capítulo 2, contém uma cláusula if estendida. Numa série de sinônimos, o orador identifica seu ensino com a sabedoria nos versículos 1 a 2. Filho meu, se você aceita minhas palavras e meus mandamentos, faça com que seu ouvido esteja atento à sabedoria e incline seu coração ao entendimento.

A prótese, consequência da condição if, continua no versículo 3, que contém então a personificação. Se você realmente clama por discernimento e levanta sua voz por entendimento, então se estende até o versículo 4, onde dois símiles reificam a breve animação da sabedoria e seus sinônimos, ou seja, discernimento e entendimento, comparando-o com prata e tesouros escondidos. Há uma interação interessante entre as personificações e as reificações nos versículos 2 a 4. Eu provavelmente deveria parar aqui por um momento e explicar que uma reificação é um termo técnico para o oposto de uma personificação.

Uma personificação transforma uma coisa ou realidade abstrata em um ser vivo, um ser humano. Uma reificação transforma um ser vivo, muitas vezes um ser humano, numa coisa. Ele objetifica.

Então, como eu disse, há uma interação interessante entre as personificações e as reificações nos versículos 2 a 4. A frase é, tornando o seu ouvido atento à sabedoria e inclinando o seu coração ao entendimento, se você realmente clamar por discernimento e elevar o seu coração. voz para compreensão, que é a personificação nos versículos 2 a 3, evoca um relacionamento com uma pessoa preciosa e importante, um relacionamento que floresce por meio da comunicação bidirecional e da busca ativa da ligação. A frase é, se você busca isso como prata e procura como tesouros escondidos, isto é, as reificações no versículo 4, implicam que muito esforço e sacrifício devem ser despendidos para obter o resultado desejado, ou seja, aprendizado. Assim, os versículos 1 a 2 equiparam o ensino do Pai a uma personificação da sabedoria que procede do próprio Deus.

Veja o versículo 6. Esta visão de ensino se estende além das palavras reais em Provérbios 2. As palavras em vista são as admoestações e ditos nas coleções que se seguem, pois não há mandamentos neste capítulo. A apodose, consequência do cumprimento da condição, começa no versículo 5, que menciona o resultado da ação proposta nos versículos iniciais. Aqueles que buscam sabedoria compreenderão o temor do Senhor e encontrarão o conhecimento de Deus.

A combinação de ambos é o culminar da sabedoria. Esta promessa pode ser confiável, pois em última análise é o Senhor quem dispensa sabedoria, conhecimento e entendimento no versículo 6. Pois o Senhor dá sabedoria. Da sua boca vem conhecimento e compreensão.

A prótase estendida, então, é um artifício retórico que, segundo Fox, sugere algo da magnitude da tarefa diante de quem busca sabedoria. A sabedoria é tão exaltada e portanto remota que o acesso a ela depende da sua auto-revelação em resposta a um apelo direto, versículo 3, uma revelação que só é possível através de Deus, versículos 6 a 7. Em última análise, então, o apelo à sabedoria personificada é um apelo ao próprio Deus. O impacto da personificação é combinar noções da desejabilidade da sabedoria com uma ênfase no esforço que é sempre exigido daqueles que buscam sabedoria e um encorajamento de que o esforço será recompensado através da intervenção graciosa do próprio Deus, cuja concessão de sabedoria é equiparado à auto-revelação da sabedoria.

O recurso literário da personificação serve engenhosamente para desafiar, prometer e encorajar aqueles que buscam sabedoria, apontando-os para Deus como o dispensador final de sabedoria. O conhecimento de Deus, de acordo com Waltke, citação, refere-se, pelo menos em parte, a entrar em um relacionamento pessoal com o Criador, citação final. A sabedoria é racional e requer esforço.

Em, usando as palavras de Carol Newsom, a lealdade precede a compreensão. Passamos agora para Provérbios 3, versículos 13 a 20. Esta passagem é um macharismo estendido, um gênero usado para encorajar uma certa virtude exclamando a boa sorte de seu possuidor, como diz Michael Fox.

Feliz é fulano de tal porque aqui é a virtude da sabedoria que se recomenda. O possuidor da sabedoria é declarado feliz porque através da sabedoria ele ganhará honra e riquezas, versículo 16. A comparação, versículos 14 a 15, não é entre o valor da sabedoria versus o valor dos vários metais preciosos mencionados ali, mas entre o que cada um tem. pode produzir.

Assim, a sabedoria é representada como uma mulher com mãos e pés. Ela concede ao seu dono vida longa com a mão direita e riqueza e honra com a mão esquerda, versículo 16. A maneira como ela anda, isto é, se comporta com aqueles que empregam a sabedoria lhes traz paz, versículo 17.

A afirmação de que a sabedoria personificada é melhor do que mercadorias valiosas enfatiza novamente o aspecto relacional do valor da sabedoria. Isto é eloquentemente expresso no comentário de Bruce Waltke no capítulo 3, versículos 14 a 15. O que a sabedoria pode oferecer é melhor do que a prata, porque o dinheiro pode colocar comida na mesa, mas não a comunhão em torno dela.

Uma casa, mas não um lar, e pode dar joias a uma mulher, mas não o amor que ela realmente deseja. A personificação, entretanto, dura pouco. No versículo 18, a sabedoria é reificada em uma árvore da vida, e nos versículos culminantes 19 a 20, a sabedoria não é uma entidade separada de Deus, mas sim, a sabedoria através da qual o Senhor fundou a terra é uma de Suas virtudes.

É pelo Seu conhecimento em paralelo com a sabedoria e a compreensão que o mundo foi criado. Muito semelhante, aliás, à afirmação igualmente culminante do Salmo 104, versículo 24. Assim, a razão última pela qual os sábios podem considerar-se felizes é porque com a sabedoria eles têm em mãos a própria virtude que Deus usou na criação.

Que melhor garantia de sucesso? Novamente, a personificação permanece no nível literário. A imagem da sabedoria caminhando graciosamente em direção àqueles que a procuraram e encontraram, oferecendo riquezas, honras e vida longa para recompensá-los, tem um forte apelo emocional. No entanto, a sabedoria não é uma entidade independente por direito próprio, nem uma virtude humana independente de Deus.

A sabedoria é aqui um dos principais traços do caráter de Deus e, ao buscar sabedoria, os humanos buscam a sabedoria de Deus. Bruce Waltke observou

corretamente que os versículos 19 a 20 pressupõem que a sabedoria personificada precede a criação, um ponto ao qual retornaremos quando examinarmos Provérbios 8 na Lição 7. Aqui, então, temos uma breve personificação literária da sabedoria, onde ela é uma atributo divino preexistente. Este ponto não é enfatizado em Provérbios 3, mas voltaremos a este ponto mais tarde, quando examinarmos o significado da preexistência da sabedoria em Provérbios 8. Agora passo para Provérbios 4, versículos 5 a 9, e versículos 11 e 13.

Semelhante a Provérbios 2, 1 a 3, a sabedoria é identificada com o ensino do Pai no versículo 5, uma vez que a sabedoria e o discernimento são paralelos às palavras do Pai. Nos versículos 6 a 9, a sabedoria é retratada como uma mulher que coloca uma guirlanda e uma coroa naquele que a adquire, versículos 5 e 7, cuida, versículos 6 e 8, abraça, versículo 8, e a mantém, versículo 6. Versículos 11 e 13 também fazem parte da personificação, já que o sufixo pronominal feminino no versículo 13 remete à palavra sabedoria no versículo 11. A imagem fala do relacionamento entre um homem e uma mulher, mas não é típica de um marido e seu marido. esposa como tradicionalmente percebida em Israel.

Ao contrário dos estereótipos modernos de atitudes antigas, escreveu Fox, é a mulher metafórica que é a protetora, aquela que mantém, guarda e protege o seu protegido. A sabedoria personificada assume o papel dominante, mas isto não é uma indicação de que as atitudes antigas tradicionalmente consideravam as mulheres em pé de igualdade com os homens ou encaravam as mulheres como padroeiras dos seus maridos numa base regular, como Fox parece pensar. Em vez disso, o papel da sabedoria personificada no relacionamento constitui uma inversão deliberada de papéis para indicar o valor dela e assim despertar a admiração do jovem por ela.

O domínio da Senhora Sabedoria pode sugerir uma figura materna, especialmente se a personificação só começar com o versículo 6. No entanto, o facto de o filho a adquirir é uma declaração metafórica que sugere que ele deve instigar uma relação de marido e mulher com ela, como os pensamentos a seguir demonstrarão. Agora vou falar sobre uma nova metáfora nesta passagem, que não é muito bem compreendida. Existem muitas opiniões e argumentos diferentes sobre isso, mas tentarei apresentar uma nova interpretação do verbo com base na minha análise com a ajuda da moderna teoria da metáfora.

Inicialmente, a aquisição de sabedoria assinalada através do verbo adquirir no versículo 5 não parece favorecer a sua identificação como pessoa, uma vez que normalmente são mercadorias e não pessoas que estão à venda. No entanto, uma série de razões sugerem o contrário. Primeiro, em grande parte do antigo Oriente Próximo, as mulheres eram vistas como bens de seus pais ou de seus maridos.

Veja, por exemplo, Êxodo 21.7, 22.16-17. Segundo, o verbo adquirir também é usado em Provérbios 8.22, onde a própria sabedoria personificada afirma que Deus a

adquiriu no início do seu caminho. Terceiro, o verbo adquirir também aparece em Provérbios 4.7, onde a sabedoria é definitivamente personificada. A circunstância de que isto coincide com o aparecimento da palavra *reshit*, começo ou essência, ou parte mais importante, em Provérbios 4.7, bem como em Provérbios 8.22, fortalece ainda mais a estreita ligação entre Provérbios 4.5-9 e Provérbios 8.22. Quarto, o uso do verbo adquirir na Bíblia Hebraica pode denotar a instigação de um relacionamento marido-mulher por meio do pagamento do preço da noiva.

Na maioria das vezes, o verbo significa comprar várias mercadorias. Ocasionalmente, porém, é usado com humanos como objeto direto. Por exemplo, em Gênesis 4.1, Eva declara que adquiriu um filho.

Outro exemplo é atestado em passagens como Levítico 25 versículos 44-45, onde são comprados escravos e escravas. Tal aquisição de escravas às vezes implicaria que elas se tornassem concubinas ou esposas do comprador. Mas o uso indiscriminado do verbo tanto para escravos quanto para escravas indica que o aspecto da compra é digno de nota.

O mais relevante para a nossa discussão é a compra de Rute por Boaz em Rute 4. Em Rute 4.10, Boaz declara que também adquiri Rute, a moabita, esposa de Malom, para ser minha esposa. Aqui, a aquisição de uma mulher por um homem é explicada e explicitamente declarada como levando a um relacionamento entre marido e mulher, e para o orador o aspecto do casamento está claramente em primeiro plano. No entanto, como o contexto mais amplo deixa claro, mesmo aqui o aspecto da compra por um preço está implícito e explicitamente declarado.

No início da transação, Boaz disse ao seu parente que sinto que, das mãos de Noemi, você também está adquirindo Rute, a moabita, a viúva do homem morto, para manter o nome do homem morto em sua herança. Rute 4.5. A aquisição da mulher Ruth faz parte de um acordo de venda de terrenos alinhado à Lei Leveret. O verbo adquirir é usado indiscriminadamente para se referir a uma mercadoria e a uma mulher, embora a aquisição da mulher implicasse claramente que o comprador se casaria com ela.

A mesma implicação pode ser vista na declaração de compra do próprio Boaz. Ele declarou publicamente Hoje, vocês, testemunhas, que adquiri das mãos de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque e tudo o que pertencia a Quilion e Malom. A referência a tudo o que pertencia aos três homens falecidos aqui incluía Rute que, como sua esposa, estava na posse do filho de Elimeleque.

Portanto, este breve levantamento de como o verbo adquirir foi usado na Bíblia Hebraica mostra que o verbo poderia referir-se, e regularmente se referia, metaforicamente, à instigação de um relacionamento entre marido e mulher. Mas também mostra que o aspecto de pagar um preço para estabelecer o

relacionamento costuma estar presente. Voltaremos a este duplo aspecto do verbo mais tarde, quando considerarmos seu significado preciso em Provérbios 8, versículo 22.

Por enquanto, basta salientar que a recomendação do pai para adquirir sabedoria é uma declaração metafórica que o exorta a pagar qualquer preço de noiva necessário para obter sabedoria para sua noiva. A afirmação adquira sabedoria, adquira discernimento, não esqueça nem se afaste das palavras da minha boca em Provérbios 4, versículo 5, portanto, prevê que o filho deve ganhar sabedoria para sua noiva. Visto que a Sabedoria não é uma mulher real, porém, o preço da noiva não deve ser tomado no sentido literal.

Em vez disso, o pagamento implícito é uma forma metafórica de dizer que o filho precisa dar tudo de si, como o versículo 7 deixa claro. O início da sabedoria é adquirir sabedoria em troca de todas as aquisições adquirirem insight de acordo com o uso metafórico de adquirir. Esta afirmação é hiperbólica e não deve ser interpretada literalmente.

O filho precisa fazer o máximo esforço para obter sabedoria através de um esforço consciente para lembrar e obedecer às palavras do pai. A mesma ideia é expressa em diversas outras passagens do livro de Provérbios, onde o verbo adquirir é usado para expressar o processo de tornar-se sábio. Assim, por exemplo, em Provérbios 23, versículo 23, diz para adquirir a verdade e não vendê-la.

Adquira sabedoria, instrução e compreensão. E aqui o verbo carrega a conotação exclusiva de comprar, como mostra seu contraste com vender. No entanto, aqui o verbo é inteiramente metafórico, uma vez que os itens à venda são entidades abstratas que não podem ser compradas no sentido literal.

A implicação é que é necessário um esforço sério e esse tipo de esforço é bem expresso em Provérbios capítulo 15, versículo 32. Citação: aqueles que atendem à admoestação adquirem entendimento. A aquisição de sabedoria requer atenção.

Observe o uso semelhante de transação econômica mesmo no idioma inglês. E isso requer obediência. Além disso, em Provérbios capítulo 17, versículo 16, e Provérbios 18, versículo 15, aqui eles afirmam que a inteligência é um pré-requisito para obter sabedoria.

Assim, os costumes antigos e recentes e o uso do verbo adquirir na Bíblia Hebraica apoiam a ideia de que a sabedoria é personificada a partir do versículo 5 e isso leva à conclusão de que a relação aqui prevista não é entre mãe e filho, mas entre marido e esposa tendo a mulher como parceira dominante. Waltke propôs que Provérbios 4, 5 a 9, cito, provavelmente apresenta a sabedoria da mulher como uma noiva a ser adquirida e amada nas admoestações e como uma padroeira que recompensa seu

amante nas motivações, final das citações. Isto capta grande parte do significado da lição, mas o retrato da sabedoria não pode ser claramente compartimentado em uma noiva das advertências e uma padroeira das motivações, como Waltke tentou.

Em vez disso, a lição apresenta a sabedoria como uma poderosa protetora a quem o filho deve cortejar. A relação prevista é complexa. A sabedoria personificada aqui é uma mulher poderosa e influente, de elevada posição social e recursos financeiros substanciais.

Para conquistá-la como noiva, o filho deve mostrar-se digno dela durante o namoro e depois. E, paradoxalmente, se ele a adquirir, ela não será sua posse. Ele será dela.

No relacionamento, não é ele quem a protege. Ela é quem o protege. A relação entre o estudante da sabedoria e o sujeito de seu estudo é retratada como um casamento bem-sucedido e feliz, no qual os papéis tradicionais de gênero são invertidos.

Na palestra, a figura da sabedoria opera no nível de uma vívida personificação literária. Ela retrata os ensinamentos do pai na forma de uma poderosa padroeira, uma mulher autoritária, mas generosa e atraente, que demonstra o carinho do jovem, nomeadamente a sua obediência, e recompensa a lealdade do marido protegido. A estratégia literária é apelar aos sentimentos do jovem como carinho, admiração, respeito, confiança e honra.

A sabedoria é retratada como um excelente par e é mostrado ao filho que ele pode se considerar um sortudo se quiser conquistá-la como noiva. Então, por que fiz aqui toda essa análise detalhada da metáfora da personificação da sabedoria? Acho que o que queria mostrar nesta parte da palestra é que a aquisição de sabedoria naquela época e agora talvez seja melhor expressa nas ideias de uma busca romântica. Há algo no romance, no desejo, de natureza quase sexual, envolvido na busca da verdadeira sabedoria.

Tal empreendimento é extremamente exigente. É complexo. É imensamente enriquecedor.

Mas não se trata apenas de aquisição de conhecimento. A sabedoria é muito, muito mais que isso. Encerraremos esta parte da palestra agora, e continuaremos na próxima palestra com outras personificações da sabedoria no livro de Provérbios.